

# **O conceito arendtiano de educação\***

## **The arendtian concept of education**

**Rafael Furtado da Silva\*\***

### **Resumo**

O objetivo desse artigo é apresentar o conceito arendtiano de educação, ou seja, a educação, para Hannah Arendt, é uma busca de compreensão do mundo e não significa, somente, uma transmissão de conhecimento e ensinamento de doutrinas, mas a possibilidade de o homem demonstrar seu amor ao mundo e às crianças. Isto significa que o homem, ao nascer, precisa da educação para aprender com os educadores a respeitar e conservar o mundo como seu próprio lar, onde as pessoas convivem na pluralidade e se distinguem na sua singularidade. Sendo assim, o conceito de natalidade é essencial, no pensamento arendtiano, pois mostra que desde o nascimento o homem já representa uma novidade para o mundo. Por isso, o nascimento de cada criança representa um novo começo no mundo e com ela uma nova história se inicia.

**Palavras-chave:** Educação; Natalidade; Educador; Amor mundi.

---

\* Artigo enviado em 01/11/2018 e aceito para publicação em 07/12/2018.

\*\* Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), cursando uma Pós-Graduação em Neuropsicologia aplicada à Educação na Faculdade Padre João Bagozzi e Pedagogia no Centro Universitário Internacional UNINTER.

## Abstract

This paper aims to present the Arendt's concept of Education, that is, education, for Hannah Arendt, is a search for understanding the world and does not only regards the transmission of knowledge and doctrine teaching, but the possibility for men to demonstrate their love to the world and to children. This means that all men need education since early ages in order to learn from educators to respect and preserve the world as their own home, where people live together in plurality and distinguish themselves in their uniqueness. Thus, the concept of birth is essential in Arendt's thought, since it shows that from birth, men already represent a novelty for the world. Therefore, the birth of each child represents a new beginning in the world and with it a new history begins.

**Keywords:** Education; Birth; Educator; Amor mundi.

"A criança nova que habita onde vivo dá-me uma mão a mim e a outra a tudo que existe e assim vamos os três pelo caminho que houver, saltando e cantando e rindo e gozando o nosso segredo comum que é o de saber por toda a parte que não há mistério no mundo e que tudo vale a pena".

Rubem Alves. *Alegria de Ensinar*.

No ensaio "A crise na educação", Arendt analisa a questão educacional tendo como fundamento a crise na educação nos Estados Unidos, no século XX. Ela defende a tese de que "a essência da educação é a natalidade". O conceito de natalidade para Arendt não está somente ligado ao aspecto biológico do ser humano, mas também ao aspecto político. É a partir de uma reinterpretação do pensamento agostiniano que Arendt expõe seu projeto filosófico de início.

Ela transfere a ideia de Santo Agostinho do homem como iniciador para o âmbito político destacando a inserção do ser humano no mundo e sua maneira de transformar a realidade com a sua ação. Sendo assim, a política, na visão arendtiana, é inerente a ação humana.

Além disso, a filósofa introduz no pensamento político-filosófico uma nova maneira de pensar a educação, como uma forma de inserir as crianças no mundo. Arendt alega que a educação é uma atividade fundamental na vida dos novos que adentram o mundo através do nascimento. Desse modo, o conceito arendtiano de educação está vinculado aos conceitos de natalidade, autoridade, liberdade, amor mundi, responsabilidade, conservação, público, privado e a tradição.

Arendt expõe seu pensamento tendo como base a tese de que a natalidade é a essência da educação e procura no decorrer do ensaio "A crise na educação" explicitar a relação desses dois conceitos. Nessa relação entre educação e natalidade encontra-se o cerne do pensamento arendtiano que é capacidade do homem sempre começar algo novo no mundo. Sendo assim, a educação é fundamental, pois ela exerce a tarefa de conservar o mundo como uma novidade para as crianças.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, como tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda de novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas próprias mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para tarefa de renovar um mundo comum (Arendt, 2011, p. 247).

A educação assume duas tarefas importantes no pensamento arendtiano: a de conservar o mundo diante do surgimento das crianças e a de instruí-las de uma maneira que elas não se frustrem com o mundo, mas o enxergue como o seu próprio lar. É importante realçar que, a criança nasce como um estranho no mundo e, por isso, precisará de pessoas adultas que a ajudem a compreender o mundo como lugar de convivência dos homens.

Para Hannah Arendt, "[...] o papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, a partir dos tempos antigos, mostra o quanto lhe parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos" (Arendt, 2011, p. 225). O objetivo de Arendt é mostrar que a educação é essencial na vida das crianças que acabam de nascer no mundo, elas são protagonistas do início de uma nova história.

Essa proposta de educação expõe que a centralidade, do texto arendtiano, é a criança, confirmando, assim, que a essência da educação é a natalidade. Assim, a educação assume a dupla missão de inserção da criança no mundo e, ao mesmo tempo, de cuidado e conservação do mundo.

Deste modo, os educadores assumem uma tarefa importante na educação, eles são responsáveis tanto pelas crianças e quanto pelo mundo, para não deixar que um aniquile o outro. Essa relação entre crianças e educadores é fundamental, pois os primeiros necessitam de educadores que os apresentem o mundo e os segundos são os principais responsáveis pela educação das crianças e pela conservação do mundo. Há uma cobrança de que todos os adultos reconheçam a missão que têm diante das crianças e do mundo e que se tornem responsáveis por eles.

A educação é o que conserva o mundo para ser sempre uma novidade para as novas gerações e orienta-as para esse convívio comum no mundo público. Nota-se que há uma preocupação da filósofa com a educação doutrinária que forma novas pessoas adeptas ao totalitarismo e que podem destruir o mundo tirando das novas gerações a possibilidade de começar algo novo.

Para Arendt, a educação não é doutrinação, isto é, “[...] um país livre realizará muito mal a tarefa da doutrinação, em comparação com a propaganda e a educação totalitária; ao empregar e treinar seus próprios “especialistas”, que se arrogam “compreensão” factual da informação” (ARENDR, 1993 p. 41). Para a filósofa, o ato de educar não deve seguir o modelo doutrinário na formação das crianças, mas formar pessoas capazes de assumir a responsabilidade pelo mundo e pelos novos.

Na visão arendtiana, essa responsabilidade é traduzida no cuidado pelo mundo e esse cuidado é denominado de amor mundi demonstrado na capacidade humana de reconhecer o mundo como sua casa. O amor na educação tem dois objetos: a criança e o mundo. Para Arendt, através da educação os homens expressam seu amor ao mundo que foi criado por eles e que precisa ser cultivado para continuar existindo e sendo sempre uma novidade para os novos que chegam ao mundo como estranhos.

Desse modo, “[...] a educação não pode jamais ser entendida como algo dado e pronto, acabado, mas tem de ser continuamente repensada em função das transformações do mundo no qual vêm à luz novos seres humanos” (ASSIS CÉSAR, Maria Rita; DUARTE, André, 2010 p. 826). Contudo, a educação precisa estar em contínua reflexão diante do surgimento do novo e se adaptar as diversas novidades que surgem com os novos seres humanos que nascem com a capacidade de sempre iniciar.

Essa capacidade de iniciar algo, através da ação, é inerente ao homem, pois, sempre que o homem age no mundo acontece um segundo nascimento. Por tanto, o ato de agir no mundo, no pensamento arendtiano, representa sempre um novo nascimento. Para a filósofa, a ação tem uma relação estreita com a própria condição humana. Com isso, Arendt enfatiza que a ação, enquanto peculiaridade do homem, é uma categoria própria da política e deixa nítido que a natalidade é o cerne do pensamento político.

Deste modo, a educação não deve eliminar da vida do ser humano a possibilidade de nascer sempre na sociedade. Pois, a educação, na visão arendtiana, assume uma dupla responsabilidade: pela vida e o desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo. Portanto, a filósofa expõe que os adultos são os principais responsáveis pela educação das crianças, já que elas necessitam de pessoas que as informem sobre o mundo. De acordo com a filósofa,

A criança, objeto da educação, possui para o educador um duplo aspecto: é nova em um mundo que lhe é estranho e se encontra em

processo de formação; é um novo ser humano e é um ser humano em formação. Esse duplo aspecto não é de maneira alguma evidente por si mesmo, e não se aplica às formas de vida animais; corresponde a um duplo relacionamento, o relacionamento com o mundo, de um lado, e com a vida, de outro (Arendt, 2011. p. 234).

Assim, o mundo é sempre novo para aquele que acabaram de nascer e eles também são novos para o mundo preexistente. Nota-se, novamente, a necessidade da educação no pensamento arendtiano, pois ela é responsável de inserir as crianças nesse mundo novo e de proteger o mundo para que as novas gerações consigam compreendê-lo como lar da humanidade. Com esse pensamento, Arendt introduz, na filosofia, uma nova maneira de pensar o homem como um ser capaz de sempre agir no mundo e instaurar o novo por meio da ação e do discurso.

Conforme Arendt, “[...] sem ser intrinsecamente política, a educação possui um papel político fundamental; trata-se aí da formação para o cultivo e o cuidado futuro para com o mundo comum, o qual, para poder ser transformado, também deve estar sujeito á conservação” (ARENDR,2010, p. 64). Pois, a educação, para Arendt, precisa ser conservadora, isto é, ela é responsável por conservar o mundo para que seja sempre uma novidade para aqueles que acabam de adentrar nele por nascimento e que trazem com eles um grande anseio de compreendê-lo.

Então, educar, para Arendt, é demonstrar uma prova de amor ao mundo que se transforma com o nascimento dos novos denominados pela filósofa como um milagre que surge como algo inesperado e como uma novidade para mundo. Desse modo, a educação exerce na sociedade a responsabilidade de acolher a criança no mundo público e de ser este elo entre o mundo privado e o público.

No pensamento arendtiano há uma distinção entre vida e mundo, ela afirma que o “[...] mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferentes de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras, é abrigada cada vida individual” (ARENDR,2010, p.8). Além disso, a educação cumpre a missão não só de proteger o mundo, mas também de conservar a vida humana.

Arendt enfatiza a importância das três atividades fundamentais da condição humana que estão presentes no mundo: o trabalho, a obra e a ação. E afirma que “[...] o trabalho e a obra, bem como a ação, estão enraizados na natalidade, na medida em que têm a tarefa de prover e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que nascem no mundo como estranhos, além de prevê-los e levá-los em conta” (ARENDR,2010, p.10). Entre as três atividades, a filósofa enfatiza que a ação é a mais importante, pois está vinculada a capacidade inerente do homem de iniciar.

Portanto, Arendt, ao expor a natalidade como essência da educação, dá uma ênfase à questão dos recém-chegados, que, de alguma maneira,

serão o futuro da sociedade. Porém, precisam ser educados para conservar o mundo. Para a filósofa,

Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos (ARENDDT, 2011,P.235).

A educação está entre as atividades principais da vida humana, ela é considerada por Arendt como uma maneira de cultivar o mundo como uma novidade para as crianças. Com isso, a filósofa ratifica sua tese de que a natalidade é, por excelência, a essência da educação. Sem a presença das crianças, a educação exerceria simplesmente a função de preservar a vida do ser humano, no entanto, na visão arendtiana, a educação assume a missão não só de conservar a vida, mas também o mundo comum diante do advento do novo.

Para a filósofa um dos problemas presente na sociedade, que influencia a educação, é a perda de sentido do mundo público, ou seja, o público, na visão arendtiana, é o mundo comum, e o privado é o lar. Com isso, ela define o mundo privado como um lugar de proteção do mundo público, e o mundo público é o lugar onde o homem pode ser reconhecido e escutado. É onde ele estabelece relações com os outros e efetua a ação. Assim, Hannah Arendt afirma que (2010. p.26.)

[...] um homem, obrando, fabricando e construindo um mundo habitado somente por ele mesmo, seria ainda um fabricante, embora não um homo faber: teria pedido a sua qualidade especificamente humana e seria, antes, um deus- certamente não o Criador, mas um demiurgo divino como Platão o descreveu em um dos seus mitos. Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem; nem um animal nem um deus é capaz de ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença de outros.

Para Arendt, viver em um âmbito privado é não participar das coisas que são importantes para uma autêntica vida humana; é estar fora da realidade e, principalmente, do convívio social, da relação com outros. É uma exclusão do mundo público. Assim, a educação exerce a tarefa de transição entre o mundo privado e o público, o comum a todos, onde os homens vivem na pluralidade e são reconhecidos na sua singularidade.

Portanto, a educação aparece fortemente na vida das crianças na transição do privado ao público, pois a escola representa para os novos esse mundo comum. Além disso, a tarefa da escola na vida dos novos, isto é, a missão da escola é promover essa passagem, valorizando a singularidade

de cada criança. Embora, trabalhando com a pluralidade precisa perceber a criança na sua singularidade. De acordo com Arendt (2011, p. 239)

A escola representa em certo sentido o mundo, embora não seja ainda o mundo de fato. Nessa etapa da educação, sem dúvida, os adultos assumem mais uma vez uma responsabilidade pela criança, só que, agora, essa não é tanto a responsabilidade pelo bem-estar vital de uma coisa em crescimento como por aquilo que geralmente denominamos de livre desenvolvimento de qualidades e talentos pessoais. Isto, do ponto de vista geral e essencial, é a singularidade que distingue cada ser humano de todos os demais, a qualidade em virtude da qual ele não é apenas forasteiro no mundo, mas alguma coisa que jamais esteve aí antes.

Para a filósofa, os seres humanos nascem em um mundo plural, mas o que os distingue é a singularidade de cada um. E a escola assume uma tarefa muito importante na vida das crianças, pois ela é casa e mundo ao mesmo tempo. Por isso, precisa-se cuidar das crianças, para que a passagem do mundo privado para o público aconteça de maneira amistosa e que o momento de apresentar o mundo para as crianças seja sem causar medo e frustração. Nessa transição o educador é fundamental para a criança e para o mundo.

Arendt ratifica que, “[...] a pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação” (ARENDR, 2011, p.239). A educação significa assumir uma responsabilidade pela conservação do mundo e a filósofa denomina essa responsabilidade no sistema educacional como uma forma de autoridade.

É importante enfatizar que, no pensamento arendtiano, a autoridade na educação exprime a responsabilidade que o educador assume por este mundo. Os adultos e os velhos são responsáveis pela educação das crianças. Porém, a filósofa aponta que há uma crise geral de autoridade em diversos âmbitos da sociedade, principalmente no âmbito político.

Assim, a educação não pode abrir mão nem da autoridade nem da tradição mesmo em um mundo que prescindisse desses dois aspectos. É preciso tomar o passado como modelo e restabelecer a figura do educador como mediador entre o velho e o novo. Segundo Hannah Arendt (2011, p. 245):

O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não pode esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição. Isso significa, entretanto, que não apenas professores, porém todos nós, na medida em que vivemos em mundo junto à nossas crianças e aos jovens, devemos ter em

relação a eles uma atitude radicalmente diversa da que guardamos um para com o outro.

Nesse sentido, o cerne do problema da educação, no mundo moderno, é uma educação baseada na autoridade e na tradição. Contudo, é exercida em um mundo que está passando por uma crise, principalmente, de autoridade e tradição. O resultado dessa crise é a separação da educação dos diversos âmbitos da sociedade.

Arendt afirma que essa separação trouxe consequências; a primeira assinalada por Arendt “[...] seria uma compreensão bem clara de que a função da escola é ensinar as crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver. A segunda, é que a linha traçada entre crianças e adultos deveria significar que não se pode nem educar adultos nem tratar as crianças como se elas fossem maduras” (ARENDT, 2011, p.229).

Educar, no pensamento arendtiano, não significa simplesmente ensinar a criança fazer alguma coisa, mas também a viver no mundo. É instruí-la na transição da vida privada a pública e ensinar que o mundo precisa ser conservado para que outras novas gerações possam agir e, assim, trazer sempre a novidade ao mundo. Conforme Arendt (2011. p. 247):

[...] A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos.

Nesse sentido, percebe-se que a educação, na visão arendtiana, assume responsabilidade de cultivar a novidade que o mundo representa para as crianças e despertar nelas a ânsia de adotá-lo como seu próprio lar. Além de tudo, é uma educação que não se preocupa simplesmente com a aprendizagem, mas também com a relação entre existência humana e o mundo, sendo assim, é uma maneira de conscientizar os novos sobre a capacidade que o ser humano possui de agir livremente.

Arendt enfatiza que educação jamais pode abrir mão nem da autoridade nem da tradição. É necessário ter o passado como paradigma e os principais responsáveis pela mediação entre velho e novo são os educadores.

Com isso podemos compreender que a educação é fundamental para os novos que adentram o mundo através do nascimento, e que precisam de pessoas que os orientem neste processo de conhecimento do mundo. Sendo assim, a crise que assola o sistema educacional e o mundo, é a crise de autoridade, ou seja, de pessoas que assumam, com responsabilidade, a

educação das crianças, que carregam em si a essência de sempre começar algo novo no mundo.

## Referências

ARENDT, Hannah. A Crise na Educação. In: *Entre o Passado e o Futuro*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva. 2011.

\_\_\_\_\_. Compreensão e Política. In: *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. P.39-53.

\_\_\_\_\_. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Rev. Adriano Correia. 11.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ASSIS CÉSAR, Maria Rita; DUARTE, André. "Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo". *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n.3, p. 823-837. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a12.pdf>> . Acesso em: 21 de outubro de 18.